

ESCOLA SUPERIOR DA MAGISTRATURA DO ESTADO DO CEARÁ

METODOLOGIA DO ENSINO JURÍDICO

PROFA. DRA. FAYGA BEDÊ

MATERIAL DIDÁTICO DE APOIO PARA JÚRI SIMULADO

TEXTO 1

Bauerlein, professor na Universidade Emory, na Geórgia, supervisiona estudos sobre a vida cultural americana. Ele acredita que as novas gerações, educadas sob a influência das mídias digitais, são formadas por narcisistas despreparados para pensar em profundidade sobre qualquer assunto. Ele diz que uma pesquisa de 2006 com mais de 81 mil estudantes americanos de ensino médio detectou que 90% deles “leem ou estudam” menos de cinco horas por semana – embora passem “pelo menos” seis horas navegando na internet e um período equivalente assistindo à TV ou jogando videogame.

“Indivíduos que não sabem praticamente nada de história, que nunca leram um livro nem visitaram um museu não têm mais do que se envergonhar. Tornaram-se comuns”, afirma.

A jornalista Maggie Jackson, outra autora crítica da tecnologia, sugere que os mais jovens estão acostumados, por culpa da internet e do uso de celulares, à leitura desatenta de textos cada dia mais breves e estilisticamente mais pobres. Os 140 caracteres que se podem escrever no Twitter, ela acredita, geram pensamentos máximos de 140 caracteres. Parece exagero, mas alguns estudos mostram que há motivos para preocupação. Uma consultoria chamada Genera divulgou um estudo alarmante sobre os efeitos do uso da internet entre os jovens. A empresa entrevistou 6 mil pessoas da geração que cresceu usando a internet e concluiu que as coisas estão mudando radicalmente. “A imersão digital afetou até mesmo a forma como eles absorvem informação”, afirmam os pesquisadores. “Eles não leem uma página necessariamente da esquerda para a direita e de cima para baixo. Pulam de uma palavra para outra, atrás de informação pertinente”. Um efeito disso já foi notado por um professor da Universidade Duke. Ele reclamou (...) que não consegue mais que seus alunos leiam um único livro do começo ao fim, mesmo nos cursos de literatura.

Ainda que a internet cobre um preço de seus usuários, como afirma o neurocientista Damásio, as críticas a seu uso ignoram um efeito positivo de sua disseminação: a conexão intelectual de milhões de pessoas que, de outra forma, não seria possível. Ela tem potencial de mexer com a inteligência do planeta inteiro. As redes sociais às quais nos integramos – reais ou virtuais – exercem uma influência considerável sobre nosso desenvolvimento individual. Como sabem os pedagogos, um ambiente estimulante aumenta a possibilidade de que a inteligência se desenvolva. Muitas das grandes idéias não nasceram de mentes privilegiadas trabalhando em laboratórios silenciosos. Nas palavras de Steven Johnson, autor de *De onde vêm as boas ideias*, elas “emergem de espaços de conexões, da colisão entre diferentes visões, sensibilidades e especializações”. Não é por acidente que a maior parte da inovação científica e tecnológica do último milênio tenha sido produzida em centros urbanos

abarrotados e cheios de distrações. Em outras palavras, a inteligência parece ser contagiosa. No século XXI, a internet pode ser o vetor de contágio.

CAIRO, Alberto; MOON, Peter; SORG, Letícia. A internet faz mal ao cérebro? *Revista Época*. 28/10/2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/10/internet-faz-mal-ao-cerebro.html>. Acesso em 15 nov. 2011.

TEXTO 2

Para Nicholas Carr, jornalista americano, autor do livro “The Shallows -What the Internet Is Doing to our Brains” (“Os Superficiais- o que a Internet Está Fazendo com nossos Cérebros”), a cultura do *multitask*, característica da internet, representa uma ameaça à tradição da leitura profunda e solitária. A web estaria formando leitores incapazes de manter a atenção sustentada e de processar textos de fôlego. Para ele, o novo padrão de leitura imposto pela internet é um retrocesso em nossa história cultural. “Estamos deixando de ser cultivadores do conhecimento pessoal para nos tornar caçadores e coletores na floresta eletrônica de dados”. Carr teme que a leitura concentrada volte a ser o hábito restrito a uma elite intelectual. A era da leitura em massa, aposta, terá sido apenas “uma breve anomalia em nossa história intelectual”.

A visão apocalíptica de Carr foi contestada em artigo publicado no *New York Times* pelo psicólogo evolutivo canadense Steven Pinker, professor da Universidade Harvard. Para ele, se a internet fosse tão nociva para a nossa inteligência, não estaríamos vivendo um período de grande florescimento das ciências, da filosofia, da história e da crítica cultural.

O neurocientista Sidarta Ribeiro, pesquisador do Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra (IINN-ELS), se alinha com a visão de Pinker “A internet é extremamente libertadora para a ciência, para a democracia e para a sociedade. Mas a gente talvez ainda não saiba usar direito”. Usuário intensivo da web, Sidarta afirma que seu uso nos torna “viciados em novidade” e admite que precisa se esforçar para passar um domingo off-line ou para não ler e-mails no celular. “A rede é um ambiente riquíssimo, mas gera angústia, ansiedade e muitas decisões apressadas □ a quantidade de coisas disponível pra ler é muito alta e o tempo de reflexão está diminuindo”. Para Sidarta, autodisciplina é a chave para um uso razoável da internet “É preciso saber se abster”.

Já Martín Cammarota, neurocientista do Centro de Memória da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), concorda com a afirmação que motivou o livro de Nicholas Carr — estamos de fato nos tornando mais rasos. Mas ele prefere enxergar na web um reflexo da ligeireza da cultura contemporânea, mais do que a raiz do mal. “A internet é só um sintoma da superficialidade da nossa vida, na qual cada vez mais se valoriza a forma em detrimento do conteúdo”. Para ele, o problema reside mais em como usamos a rede: “Se você vai ao Google fazer uma pesquisa e se contenta com a leitura de um verbete da Wikipédia em vez de ir a uma biblioteca, o problema é seu, não da internet”.

ESTEVES, Bernardo. A internet no banco dos réus. *Folha de São Paulo*. 27/03/2011.